



TIMÓTEO CARRIKER



A Missão  
Aποκαλίστική  
δε Παυλο

Abba





A missão apocalíptica de Paulo

© Direitos autorais, 2007, de C. Timóteo Carriker. Todos os direitos reservados. A não ser para citações breves em resenhas ou artigos críticos, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer maneira sem a permissão por escrito.

© Direitos de reprodução da Abba Press, ano 2007  
Abba Press Ed. e Div. Cult. Ltda

Citações bíblicas, a não ser quando indicadas de outra maneira, são da tradução de João Almeida de Ferreira, versão revista e atualizada, © direitos da Sociedade Bíblica Brasileira.

## Impressão

Sumago Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carriker, Charles Timothy

A missão apocalíptica de Paulo / Timóteo Carriker - São Paulo : Abba Press, 2007.

Bibliografia

ISBN 978-85-85931-36-1

1. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Crítica e Interpretação
2. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Teologia. 3. Literatura apocalíptica. 4. Missiologia 5. Paulo, Apóstolo, Santo - Teologia.

I. Título.

07-5563

CDD-227.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Missão apocalíptica de Paulo: Epístolas paulinas: Interpretação e crítica 227.06



Rua Manoel Alonso Medina, 298

04650-031 - São Paulo - SP

Tels./fax. (11) 5686-5058 - 5686-7046

www.abbapress.com.br - abbapress@abbapress.com.br





# ÍNDICE



<i>Prefácio</i> .....	5
<i>Introdução</i> .....	7
1: A apocalíptica judaica e o evangelho de Paulo.....	17
2: O apóstolo apocalíptico <i>2 Tessalonicenses 2.6-7</i> .....	47
3: A hermenêutica de Paulo <i>1 Tessalonicenses 4.13-5.11</i> .....	57
4: A hermenêutica de Paulo <i>1 Coríntios 15.23-28</i> .....	77
5: A missiologia apocalíptica de Paulo <i>Romanos 15.14-21 e 9-11</i> .....	95
<i>Implicações</i> .....	129
<i>Bibliografia</i> .....	147





## Figuras

1: Uma tradução interpretativa de 1 Coríntios 15.23-28.....	85
2: A seqüência cósmica dos eventos finais .....	86
3: Comparação temática de Romanos 9.1-5 com Romanos 9.6-11.36.....	118





## PREFÁCIO



O presente livro é fruto de dez anos de pesquisa que culminaram numa tese de doutorado intitulada, *Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic* (A missão apocalíptica de Paulo. Uma hermenêutica missiológica integrativa), defendida no Fuller Theological Seminary em 1993, inicialmente sob a supervisão de David Bosch e depois da sua morte, sob a supervisão de Arthur Glasser. A pesquisa continuou ao longo de mais onze anos, sendo publicados alguns capítulos do presente livro em diversas revistas acadêmicas no Brasil.<sup>1</sup> Portanto, a caminhada para chegar ao presente texto foi longa e rica.

Entretanto, esta obra trata apenas de um aspecto da vida de Paulo, sua missão, e por trás desta missão, um só pano de fundo, o apocalipticismo. Há muito mais que pode e deve ser escrito a respeito deste homem que Deus usou para definir a face do cristia-

---

<sup>1</sup> “A apocalíptica judaica e o evangelho de Paulo.” *Vox Scripturae. Revista Teológica Brasileira*, v. 6, n. 2, p. 175-204, 1996; “A missiologia apocalíptica da Carta aos Romanos: com ênfase em 15.14-21 e 9-11.” *Fides Reformata*, v. 3, n. 1, 1998; “A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Coríntios 15.23-28.” *Fides Reformata*, v. 5, n. 1, p. 117-134, 2000; “A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Tessalonicenses 4.13-5.11.” *Práxis Evangélica. Revista de teologia prática latino-americano*, v. 1, n. 1, p. 9-35, 2002; “Paulo, o apóstolo apocalíptico: 2 Tessalonicenses 2.6-7.” *Fides Reformata et semper reformanda est*, v. 7, n. 1, p. 45-58, 2002.





nismo primitivo que predominou cada vez mais. Mas, acredito que a missão de Paulo seja central à sua compreensão, e que também o apocalipticismo seja fundamental para elucidar melhor tal missão. Eis o motivo deste livro.





# INTRODUÇÃO



O apóstolo Paulo foi o primeiro grande missionário e missiólogo do movimento messiânico judaico de Jesus, logo conhecido como “o Caminho”, e décadas depois, como o “cristianismo”<sup>1</sup>. Por “missiólogo” se entende aquele que intencional e teologicamente pensa nas implicações e aplicações da sua fé em novas circunstâncias. Assim era Paulo. Dentro do seu mundo de atuação, fora da Palestina, Paulo avançou radicalmente o pensamento acerca de Jesus e o alcance desta seita judaica pelo Império Romano. Em especial, ele explicitou as bases universais desta fé para a sua divulgação, eventualmente pelo mundo inteiro. Por isso, o estudo sobre a missão de Paulo é de suma importância tanto para missionários que desejem conhecer as metodologias e estratégias missionárias mais antigas do cristianismo, quanto para missiólogos que queiram explorar os primeiros passos da contextualização da fé judaica e messiânica em novo contexto histórico e cultural, no caso, o mundo greco-romano.

Mas este estudo não se propõe a explorar todas as influências internas e externas na missão de Paulo, tais como o helenismo, a cultura do império romano, as diversas influências judaicas, e o próprio movimento

---

<sup>1</sup> Cf. Atos 9.2. Em Atos 11.26, lemos, “em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos,” quase certamente pelos opositores fidos seguidores de Jesus. Entretanto, dentro duma geração o termo virou nomenclatura comum. O historiador romano, Tácito, afirma que o nome, “cristão” era popular em Roma no tempo de Nero, em 64 d.C.



de seguidores de Jesus ao qual ele aderiu. Não, o enfoque deste estudo é mais estreita e especificamente limitado ao mundo do apocaliticismo judaico. Nosso propósito é destacar a influência do apocaliticismo na conceituação do evangelho e na formação da missão do apóstolo Paulo. Por “evangelho” refere-se ao que muitos expositores tradicionalmente chamam de “teologia”. A preferência pelo termo “evangelho” se deve a dois motivos. Primeiro, é o termo preferido do apóstolo e por isso reflete algo da sua auto-identidade. O “evangelho” de e para Paulo se refere, de modo geral, a significância da cruz e ressurreição de Jesus para a realização das promessas de Deus para os judeus e os gentios. Mais especificamente inclui a sua compreensão da maneira como os gentios são incluídos no povo de Deus. Isto é diferente do termo “teologia”, empregado na academia e na igreja para se referir a toda uma conceituação, geralmente sistemática, a respeito de Deus e os diversos assuntos afins. Segundo, o termo “evangelho” capta melhor o caráter prático do ministério de Paulo, ao mesmo tempo missionário e pastoral. Além disto, destaca a natureza narrativa e biográfica da fé, ao invés da expressão abstrata e dogmática.

Agora, falar da influência do apocaliticismo no apóstolo Paulo pode parecer inicialmente muito estranho. Afinal, o que tem o apocaliticismo a ver com este apóstolo e os seus escritos? Tanto a teologia luterana com sua ênfase na justificação pela fé quanto a teologia calvinista com o seu enfoque na soberania de Deus apelam para a teologia de Paulo, compreendendo-a de forma sistemática, racional e abrangente. Hoje, os escritos de Paulo nos lembram muito mais dos argumentos racionais de Calvino, Lutero, e de Barth do que das visões e cenas fantásticas e catastróficas do *Livro de Apocalipse* ou de *Daniel*.

Entretanto, é bom lembrar que o apóstolo Paulo vivia no mesmo mundo e quase na mesma época que o visionário João. Não nos surpreendamos que possuíssem cosmovisões muito mais próximas do que possa parecer. Certamente Paulo estava mais próximo histórica e culturalmente do visionário João que dos reformadores. E como João, Paulo compreendia o evangelho na urgência escatológica do momento histórico—não em termos duma ação de Deus celestial, por vir e distante, mas sim, duma



irrupção no aqui e agora pelo Espírito transformando estruturas sociais inteiras pela derrota de potências invisíveis que regiam os afazeres dos seres humanos até então. Este é um modo tipicamente apocalíptico de entender o mundo e a atuação de Deus nele. Embora Paulo raras vezes utilizasse o gênero apocalíptico nos seus escritos, nosso estudo demonstrará que sua forma de conceber o evangelho e entender a sua própria missão refletia uma cosmovisão essencialmente apocalíptica.

Logo, para compreender a influência apocalíptica na missão de Paulo, recorreremos a dois campos de estudo: a missiologia e a pesquisa bíblica. Parece um procedimento lógico diante do assunto a ser examinado: Paulo, o missionário/missiólogo e reintérprete da fé diante da nova situação da entrada dos gentios para a fé judaica. Entretanto, a relação entre estes dois campos de estudo é tênue e mal-empregada. Este livro deseja representar uma ponte entre as duas perspectivas e assim enriquecer ambas. Deseja também, apresentar um quadro mais acertado de Paulo, o maior missiólogo duma fé, inicialmente uma fé messiânica dum povo, o povo judeu, e logo depois e principalmente por sua causa, duma fé que repercutiu entre os povos do mundo.

## A MISSIOLOGIA E A PESQUISA BÍBLICA

Parte da distância entre os campos da missiologia e da exegese bíblica<sup>2</sup> se deve às suas histórias. Na Europa e na América do Norte, até os anos 1960, a missiologia se enquadrava dentro dos departamentos

<sup>2</sup> As melhores pesquisas missiológicas a partir dos biblistas incluem: (Blauw, 1966; Hahn, 1965; Kaiser, 2000; Senior e Stuhlmueller, 1987; Stam, 1999; Tamez, 1981) As melhores produções bíblicas por missiólogos incluem: (Allen, 1979; Arias e Johnson, 1992; Bosch, 1959; 1993; Brox et al., 1982; Comblin, 1974; De Ridder, 1975; Dyrness, 1983; Gilliland, 1983; Grassi, 1978; Green, 1984; Larkin e Williams, 1998; Legrand, 1990; López Rodríguez, 1997; Nissen, 1999; Padilla, 1998). Procurei contribuir ao estudo interdisciplinar desenvolvendo uma teologia bíblica de missão em *O caminho missionário de Deus. Uma teologia bíblica de missões* (2000).





ou da história eclesiástica ou da teologia prática. A partir de então e com o surgimento do periódico, *Practical Anthropology*, as ciências sociais tiveram maior influência na formação de idéias dentro da missiologia e a missiologia se emancipou em algumas faculdades como departamento próprio. Na América Latina, o vínculo do discurso missiológico com a teologia pastoral permanece mesmo com preocupações especialmente sociais e culturais.<sup>3</sup>

A pesquisa bíblica, por sua vez, enfatizou, ao longo do século XX, interesse em questões gramaticais e históricas, na análise da redação e da forma dos manuscritos, e secundariamente no pano de fundo religioso. Somente nas últimas duas décadas, a influência das ciências sociais, especialmente da antropologia estrutural, da antropologia cultural e da sociologia das religiões, receberam mais atenção. Logo, as ciências sociais parecem oferecer um ponto de contato importante entre a missiologia e a pesquisa bíblica.

A diferença entre os dois campos da missiologia e da pesquisa bíblica é o seguinte: o biblicista tende a enfatizar a diversidade e o condicionamento social e histórico da mensagem bíblica (contra a ênfase do movimento da teologia bíblica até os anos 1960). É detalhista que pinta com um pincel fino. O biblicista é propriamente um historiador, com interesses bem compartimentalizados. Por outro lado, o missiólogo atenta mais a temas bíblicos abrangentes e integrantes. Pinta com pincel grande. No fundo, ele é teólogo com interesses integralizados.

É importante notar que, até hoje, nem a pesquisa bíblica e nem a missiologia destacaram, a fundo, o papel de Paulo como teólogo missionário, que por sua vez é o enfoque deste estudo. É certo que os pesquisadores bíblicos, já há muito tempo, reconhecem que o apóstolo não era um teólogo sistemático. Ao invés de teólogo siste-

<sup>3</sup> Ver, por exemplo: (Castro, 1986; Comblin, 1980; Costas, 1989; Ellacuría, 1976; Escobar et al., 1992; Padilla, 1984; 1986; Ruiz, 1990; Steuernagel, 1993; 1994; Tamez, 1981).





mático, o tratam mais como um teólogo “prático” ao considerar a sua ética e o carácter situacional das suas cartas. Também, a fim de melhor entender o pano de fundo das suas cartas, discutem amplamente a oposição ao apostolado de Paulo por outros agentes missionários. Entretanto, o seu apostolado é considerado mais em termos de status (legitimidade e autoridade) que em termos de *função* (seu papel missionário entre os gentios).

Também, os pesquisadores bíblicos podem citar o seu trabalho sobre Paulo como um contextualizador eficaz (e.g., Beker), que, de fato, trata da maneira que Paulo *comunicou* o seu evangelho e, por isso, se relaciona ao “alvo” da comunicação. Mas não tratam a questão da auto-definição como missionário pelo próprio Paulo em termos da formação teológica e a implementação sociológica do seu evangelho. Mesmo assim, estas preocupações e outras<sup>4</sup> constituem uma aproximação significativa e uma contribuição para o discurso missiológico.

Missiólogos, por sua vez, destacam Paulo como missionário *par excellence*, focalizando normalmente as suas *estratégias, metodologias*, e as suas motivações missionárias, e somente em escala menor, a sua *teologia*. Mas nem os estudos missiológicos e nem os pesquisadores bíblicos conseguiram adequadamente fazer a ligação entre as estas duas ênfases.<sup>5</sup> Isto é, até hoje eles não trataram adequadamente a auto-identidade de Paulo como apóstolo e missionário para os gentios *como uma chave para entender a sua teologia e o seu evangelho*.<sup>6</sup> Os missiólogos reconhecem Paulo como missionário

<sup>4</sup> E.g., um reconhecimento maior da formação judaica de Paulo, um entendimento crescente da complexidade do judaísmo primitivo e a relação disto com o conceito de Paulo da lei.

<sup>5</sup> Reconhecendo o apóstolo essencialmente como um missionário, Paul Achtemeier chamou atenção para a necessidade de flexibilidade maior entre os estudiosos neotestamentários que procurem expor a teologia de Paulo (1991:33f).

<sup>6</sup> Entre os poucos que caminham nesta direção, estão Grams (1989), Hultgren (1985) e Bowers (1987).





e os estudiosos do Novo Testamento o reconhecem como teólogo, mas nenhum dos dois o reconhece adequadamente como *teólogo missionário*.<sup>7</sup>

#### A MISSÃO E A APOCALÍPTICA

Uma chave importante para entender a ligação entre a teologia e a ação missionária de Paulo é a sua interpretação apocalíptica da morte e ressurreição de Jesus e as implicações disso para a sua auto-identidade. A escatologia apocalíptica é a ponte entre Paulo o teólogo e Paulo o missionário.

Este estudo começa com a missão de Paulo ao invés da sua teologia. Apreendemos intimamente o evangelho de Paulo através duma elaboração apropriada das lutas sociológicas que ele julgou como importantes na práxis do seu ministério, mesmo que as conclusões teológicas e apocalípticas do seu encontro na estrada para Damasco tenham informado tal práxis. Logo se torna inevitável uma espécie de círculo hermenêutico na nossa discussão. Mas enquanto no passado muita atenção foi dada à teologia de Paulo, parece-nos apropriado agora mais atenção nas implicações e fundamentos sociais desta teologia. A este respeito, sugerimos que embora a cosmovisão judaica apocalíptica fornecesse a estrutura conceitual básica para o evangelho de Paulo, o feedback de suas próprias atividades missionárias também refinou a expressão da sua teologia. Duma maneira real, tanto a apocalíptica quanto a missão é necessária e anterior ao evangelho de Paulo e à conceituação da sua teologia.

Nossa proposta é a seguinte: *uma cosmovisão judaica e apocalíptica deu forma fundamental ao chamado e o ministério missionários de Paulo*. Por “chamado”, nos referimos não apenas à cristofania na estrada para Damasco que Paulo identifica como um *apocalipse*, mas

<sup>7</sup> Novamente, exceções notáveis incluem J. Christiaan Beker (1990:15; 1991:15) e Rollin Gene Grams (1989).





também à sua percepção e expressão subseqüentes da significância deste evento. Por “ministério”, nos referimos à interação entre a emergência da igreja e a legitimação desta atividade pela interpretação por Paulo das escrituras. A apocalíptica intensificou a sua valorização das atividades de plantar e nutrir a igreja e também definiu a sua estratégia de ministério ao longo prazo. Também forneceu uma chave hermenêutica para sua exposição das escrituras e a expressão do seu evangelho nos seus escritos que possuímos. Logo, a compreensão da missão de Paulo como apocalíptica esclarece a expressão do seu evangelho.

A cosmovisão apocalíptica de Paulo se evidencia pelo modo do seu chamado e da sua inspiração subseqüente, pela sua interpretação bíblica, pelo seu equilíbrio genial entre a urgência evangelística e o cuidado pastoral, e pela sua integração de temas apocalípticos chaves. Acima de tudo, a cosmovisão apocalíptica de Paulo é tanto intensificada quanto qualificada pela sua percepção e crença na morte e ressurreição de Jesus.

#### A MISSÃO APOCALÍPTICA DE PAULO

Antes de prosseguir, é necessário responder a uma objeção à descrição da missão de Paulo como apocalíptica. Se a principal maneira de caracterizar um escrito como apocalíptico é pela sua identificação dentro do gênero literário dum apocalipse<sup>8</sup>, e se Paulo não adotou a prática de escrever apocalipses, como é possível identificar o seu conceito de missão como apocalíptico? Um explicação, amplamente reconhecida e facilmente ilustrada da literatura do judaísmo primitivo (desde o final do século III a.C. até o final do século II d.C.), é a observação que idéias apocalípticas não se limitam ao gênero literário de apocalipses. Além disto, sugiro uma explicação adicional e mais forte, relacionada à minha tese acima mencionada: A percepção por Paulo da morte e ressurreição de Jesus necessariamente relativizou (ou por

<sup>8</sup> Veja o próximo capítulo para uma definição de apocalipse.





transformação ou por dispensa) o gênero através do qual o evangelho apocalíptico é comunicado. Isto ocorre porque, na visão de Paulo, através da morte e ressurreição de Jesus, Deus ultimamente vindicou a si mesmo pelo cumprimento da sua promessa de abençoar os judeus e através deles, abençoar os outros povos também (Gênesis 12.1-3). Logo a unidade de judeus e gentios na igreja emergente assumiu proporções tão grandes para Paulo que até expressões sagradas anteriores de identidade judaica—como a circuncisão, as leis alimentícias, e a observância do sábado—são relativizadas. Tal unidade, na prática missionária de Paulo, significava um equilíbrio delicado entre a sua defesa da entrada dos gentios no povo de Deus, somente pela fé *em Cristo* e a sua insistência que, também somente *em Cristo*, os judeus são também vindicados e a nova era do messias, de fato, se inaugurou. Entretanto, o ministério de Paulo é principalmente entre os gentios. Enquanto o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todos que crêem, *primeiro* para o judeu, e também para o gentio (Romanos 1.16), e enquanto o “primeiro” de Paulo é um “primeiro” teológico e até cronológico, o seu enfoque estava no mundo gentílico. Portanto, era natural, que para cumprir o evangelho entre os gentios, ele abandonaria o gênero literário judaico de apocalipsos e adotaria mecanismos de comunicação mais apropriados tais como a composição helenística de cartas e também algumas formas elementares da retórica helenística. Porém, as idéias expressas nestas formas de comunicação não judaicas não eram menos judaicas ou menos apocalípticas.

#### A APOCALÍPTICA E A ESCATOLOGIA

Um outro ponto de esclarecimento, antes de prosseguir no nosso estudo, concerne a relação da apocalíptica à escatologia. Existe certa confusão sobre os dois conceitos. A apocalíptica pode se referir ou a um gênero literário (apocalipse), ou a um conjunto de idéias sobre uma





transformação catastrófica e iminente, e às vezes, final, do mundo (escatologia apocalíptica), ou a um movimento social geralmente análogo aos movimentos milenários (apocalipticismo). O presente estudo emprega principalmente a segunda referência, abreviada como “apocalíptica” e usada tanto como um substantivo quanto um adjetivo. Fazemos isto porque a apocalíptica inclui mais que a escatologia, mesmo que esta última seja um elemento comum da primeira. A apocalíptica entende tanto o tempo quanto o espaço de modo dualístico e cósmico. Vê a era presente como má e temporal, dominada por Satanás e suas coortes. Mas, compreende a era futura como perfeita e eterna, e debaixo do governo de Deus. Este mundo e a história humana são um reflexo dos céus com os seus habitantes celestiais. A apocalíptica é mais que uma série de idéias acerca do futuro. É uma cosmovisão inteira que influencia tais valores fundamentais como Deus, o “outro”, o tempo e o espaço.

Por sua vez, a escatologia pode ser definida de modo ou estreito ou amplo. Pela definição estreita das “últimas coisas”, se refere à “doutrina (estabelecida sólida e dogmaticamente) do fim (dramaticamente concebido) da história e do curso do universo e do início do tempo da salvação eterna” (Jenni, 1962:126). Neste aspecto, a apocalíptica se refere mais especificamente à ruptura abrupta entre estes dois mundos e cursos de tempo, o que permite tanta confusão sobre os dois termos. O sentido mais amplo da escatologia se refere a “um futuro no qual as circunstâncias da história são transformadas de tal maneira que se pode falar dum novo estado, inteiramente diferente, das coisas, sem necessariamente sair do esquema da história” (*Ibid.*). Portanto, todas as cosmovisões possuem uma escatologia na medida em que se preocupem com a natureza e o significado da história em relação especial com o presente.<sup>9</sup> Assim,

---

<sup>9</sup> Embora o vínculo bíblico entre a escatologia e a missão seja amplamente reconhecido, é preciso recorrer para as obras menos conhecidas de Oscar Cullmann (1936; 1938; 1956) e do seu aluno de então, David Bosch (1959), para alguma discussão a respeito desta relação dentro da perspectiva da pesquisa bíblica.





compreende-se a escatologia como ligada inevitavelmente a *Heilsgeschichte*, como Oscar Cullmann tão frequente e acertadamente demonstrou (1964; 1967).

## PROCEDIMENTO

Este estudo procederá da seguinte forma: o próximo capítulo apresentará um quadro conceitual do fenômeno do apocalipticismo judaico. Este quadro servirá de referencial para examinar a vocação e ministério missionários de Paulo. A intenção é demonstrar que Paulo, como muitos judeus da sua época, via o seu mundo diante dum pano de fundo apocalíptico. E era uma visão apocalíptica do mundo que alimentava a percepção da sua participação na transformação deste mundo.<sup>10</sup> O procedimento será propositalmente dedutivo a fim de elaborar um quadro conceitual inicial para investigação posterior.

Depois desta investigação do apocalipticismo judaico em geral e a sua evidência nos escritos de Paulo, os próximos quatro capítulos explorarão tal influência mais específica e detalhadamente. Estes capítulos focalizarão passagens das cartas de Paulo que ilustram a influência do apocalipticismo na sua vocação e ministério missionário: Romanos 15.14-21 com referência a Romanos 9-11; 2 Tessalonicenses 2.5-6; 1 Coríntios 15.20-28; e 1 Tessalonicenses 4.18-5.11. A metodologia principal empregada será o estudo histórico, crítico e literário e o procedimento será grandemente indutivo. Um capítulo final apresentará uma síntese das conclusões e considerará implicações desta pesquisa para a vocação e ação missionárias hoje.

---

<sup>10</sup> É uma pena que pesquisadores bíblicos frequentemente negligenciam a boa observação de Howard Kee, de que a cosmovisão é o assunto mais importante que as questões mais imediatas acerca de origem, até mesmo mais importante que as discussões a respeito da data e autoria exatos (1980:11).

